



reflexões sobre

# ARTEvisual

v.1 n.1 setembro 2020

***Belas Artes, Artes Plásticas e  
Artes Visuais.***

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*

### ***Expediente:***

#### **Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

### ***Edição:***

v.1 n.1 setembro 2020

*Periodicidade: quinzenal*

*Capa: Marc Ferrez, Vista da Escola de Belas Artes, à esquerda o Teatro Municipal, Rio de Janeiro, 1910.*

## **APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

## ***Belas Artes, Artes Plásticas e Artes Visuais.***

É comum ouvir termos como *Belas Artes, Artes Plásticas, Artes Visuais* e não saber se fazem referência a coisas iguais ou diferentes.

Talvez, para o senso comum, seja bem difícil distinguir ou identificar uma ou outra, no entanto, no contexto do ensino em Arte, é necessário entender porque uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa mesmo...

Brincadeira à parte, o tema desta publicação procura esclarecer as diferenças entre estas três nomenclaturas e seus conceitos.

Como se sabe as manifestações artísticas são realizadas pelo ser humano desde a pré-história. Sabe-se também, que os modos e os motivos para fazer Arte sempre se transformaram desde então.

Cada época, lugar ou sociedade realizou Obras de Arte e em cada uma delas os modos de fazer e dizer se transformaram ao longo do tempo. Não há sempre um mesmo modo de pensar ou fazer Arte para todos tempos e lugares. Assim, tanto os modos de produzir, entender e nomear Arte também mudaram e ainda continuam mudando todos os dias. A Arte de ontem não é a de hoje nem será a de amanhã.

Um princípio que defendo é que Arte é um todo, uma coisa só, substantivo e singular. O que muda são os modos que os artistas usam para realizá-la. É possível identificar, então, modalidades diferentes de expressão dentro da Arte, sejam as que operam através de substâncias visuais, sonoras, cênicas, literárias ou audiovisuais. Cada uma delas opera num campo específico de substâncias expressivas e significação que as difere umas das outras. Assim o contexto da Arte Visual difere da Música, da Arte Cênica, da Literatura ou do Audiovisual.

Contudo não há como negar que é possível “fazer Arte” ou desenvolver proposições e projetos estéticos em cada uma delas, inclusive, mesclá-las, combiná-las, hibridizá-las ou sincretiza-las para que gerem sentidos a partir de interesses e gerações possíveis ou proposições inusitadas como as que se vê no contexto da Arte atual. As mudanças técnicas, temáticas, conceituais e propositivas ocorrem o tempo todo. Para entender Arte é necessário admitir que ela se transforma e, por isto, depende de contínua atualização do fazer e pensamento.

## ***Desenvolvimento***

Embora tenha dito que não defendo o uso do plural para me referir à Arte, vou fazer uma exceção e manter a nomenclatura tradicional por uma questão de sonoridade pois falar: Bela Arte e Arte Plástica fica estranho aos ouvidos. Uma confusão comum que se tem, já de cara, é o conceito de Belo. No senso comum, ele é associado às coisas bonitas, ou seja, aquelas que agradam ao gosto e ao olhar, baseado em recorrências formais que foram implantadas ao longo do tempo na cultura.

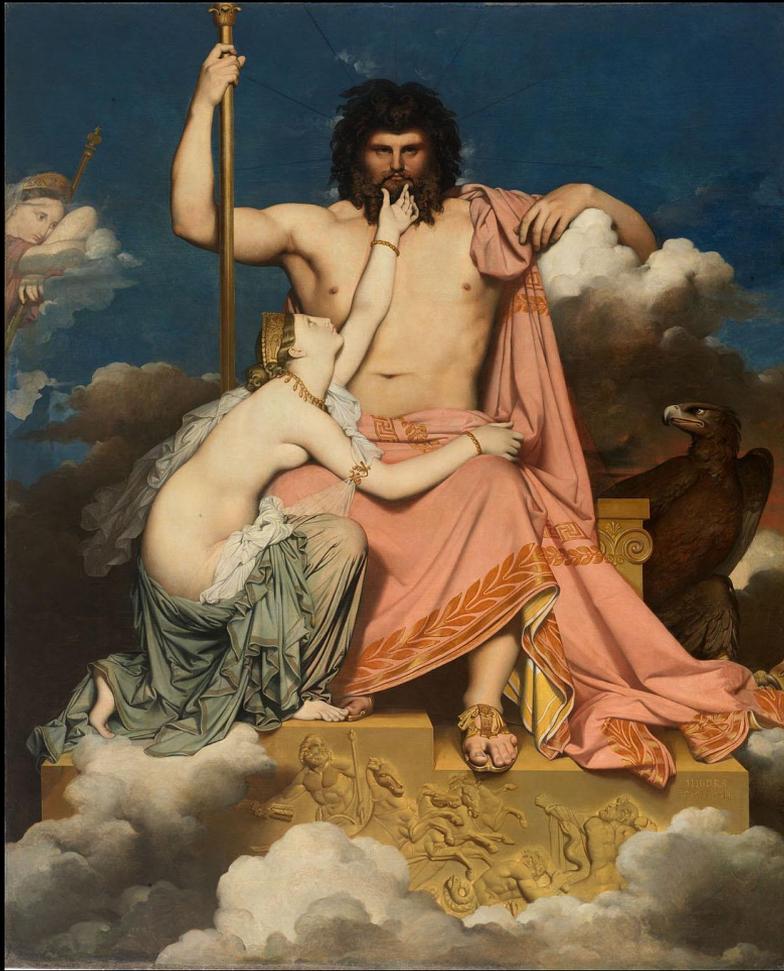
As ocorrências artísticas, no mundo ocidental se baseiam, geralmente, na tradição greco-romana que impera na história e na estética desde a antiguidade e difundida no contexto colonial eurocêntrico do qual, até hoje, não conseguimos nos safar...

Assim, quando se fala em Belo no contexto da Arte evoca-se a tradição estética originada na Grécia, repassada pelos romanos, depois pelo renascimento e finalmente pela França através de suas Escolas de Belas Artes, que chegou ao Brasil por meio da Missão Artística Francesa com a Escola Imperial de Belas Artes.

O conceito de Belo surge na antiga Grécia como um *Ideal Estético* não naturalista ou “realista” e se torna um valor para a cultura ocidental desde então. Em termos de valor faz parte de uma ordem filosófica que valoriza o caráter ético como o Bem e o Bom.

O Bem é entendido como valor moral e seu correspondente visual, o Belo é entendido como valor estético no qual toda Arte deveria se espelhar para atingir o Ideal de Perfeição absoluto que é inatingível, por isso “Ideal” ou “Idealizado”, mas nunca exequível, já que por ser ideal não é natural...

O grande problema é que, o conceito de Belo Ideal, ao ser confundido com a beleza trivial, também confundiu a apreciação das manifestações artísticas por parte daqueles que não acompanharam a filosofia grega e seus desdobramentos. Então Belo se tornou um adjetivo para qualificar um tipo de Arte que, por oposição, confronto ou conflito a distingue daquela que seria “feia” ou não bela e se tornou uma “categoria estética”. Nesse caso todas as manifestações que não seguissem as “regras” da “beleza” estabelecidas por meio do gosto e de normatizações formais, não poderiam ser consideradas Arte.



Se a obra “Júpiter e Thetis” de Jean-Auguste Dominique Ingres, do Neoclássico for considerada Bela/Bonita... A obra Expressionista “Retirantes” de Candido Portinari será considerada feia ou não bela? Uma seria “bem acabada” e outra “mal acabada”? Como se vê o conceito de “Belo” não é adequado como valoração conceitual, mas de gosto. Mesmo fazendo as elipses necessárias para justificar que o Belo da Arte é a sublimação estética seria apenas uma opinião, uma posição dogmática e não conceitual...

Neste sentido o Belo se desdobra em processos técnicos e plástico-visuais relacionados, não só ao ideal, mas à aparência das coisas visíveis e à habilidade de reproduzi-las mimeticamente de acordo com o gosto reinante que acabou por ser difundido como “beleza”, bonito, agradável, gracioso, harmônico, equilibrado entre outras configurações formais que se tornam parte de um modelo, um estilo, cultuado ainda hoje como um padrão de excelência para a Arte em busca de um modo hegemônico de gosto dominante que atenda também à massa e menos à estética atual.

Não se pode dizer que o Belo seja uma estilização esquemática como a utilizada pela Arte Egípcia, por exemplo. Tanto a Arte Grega ou Romana conviveram com a Arte Egípcia, mas não a escolheram como modelo canônico nem tomaram como esquemas visuais usados ou padrão de gosto?

Uma resposta possível é entender que o poder de dominação da civilização egípcia não durou tanto quanto o do Império Romano que a dominou, como também se apropriou da Arte Grega, por isto sua permanência e difusão cultural greco-romana no mundo ocidental e fora dele.

À esquerda cópia romana da Vênus de Knidos do escultor grego Praxíteles; à direita, cópia romana do Doríforo, do escultor grego Policleto. Ambas originárias do período grego clássico, no qual o Belo Ideal era praticado como modelo de referência estética. É importante reforçar então que Belo não se opõe a o "feio", é um *conceito* e não um simples adjetivo...





Não custa imaginar se a influência cultural fosse a Egípcia, teríamos imagens semelhantes a estas ocupando o ambiente cultural e talvez, ainda hoje, as imagens seriam produzidas pela mão humana, já que a fotografia não seria aceita como arte por ser um processo automático e não de esquematização.

A importância da cultura grega foi mantida e difundida pelos romanos que, por conta da dimensão de seu império, conseguiu implantar estes valores em suas colônias do mundo antigo. Assim o modelo de arte greco-romano, assumiu uma importância sem precedentes na cultura e história do mundo ocidental. Valores esses adotados como referência na tradição clássica, desde os gregos, passando pelo Renascimento e chegando as Escolas de Belas Artes.

Estes são os “rastros” do percurso do belo na cultura ocidental.

Portanto, falar em Belas Artes é recorrer a um modelo dominante da Arte da antiguidade que foi retomado e reciclado na Idade Moderna, pelo Renascimento e se tornou o projeto pedagógico da tradição clássica nas academias do Renascimento ao Neoclássico. O termo **Belas Artes** se refere, portanto, ao modelo de ensino acadêmico que vigorou até o século XIX, por sua vez, baseado no modelo clássico de origem greco/romano que inspirou o Renascimento. Mais anacrônico impossível.

Reforçando: As Academias de Arte surgem na Itália, no século XVI. A primeira delas foi a *Accademia di Disegno* de Giogio Vasari, em 1562 em Florença; depois a *Accademia dos Carracci*, Annibale, Agostino e Ludovico, em 1585, em Bolonha e a *Accademia di San Lucca*, de Frederico Zuccari, em 1593, em Roma. Depois começaram a aparecer em outros países da Europa culminando no surgimento das Academias de Belas Artes na França que acabou marcando a formação em Arte no Brasil, por consequência da vinda da Missão Artística Francesa no século XIX.

Antes disso, a preparação para o exercício artístico era superposta aos serviços realizados nos canteiros de obras, onde ficariam, ou ainda nas oficinas dos artistas. Desde a idade Média o Mestre, normalmente o proprietário da oficina, era o responsável pela concepção das obras, os Oficiais eram responsáveis pela execução delas auxiliados pelos Aprendizes. O controle sobre a produção, qualidade, normatização e preços era realizado pelas Guildas: as antigas corporações de ofício que, desde a Idade Média reuniam artesãos de várias classes e serviços.

O processo pedagógico adotado pelas academias foi baseado num sistema rígido de ensino tomando por base a cópia e as habilidades manuais. Em geral praticada a partir de modelos greco-romanos, estudos de anatomia e modelo vivo, desenho geométrico e perspectiva, além de filosofia e história para a realização de obras que compreendiam pinturas, estampas e ornatos ao gosto da classe dominante. A meta desse ensino era manter a tradição dos mestres clássicos do Renascimento italiano como Da Vinci, Rafael e Michelangelo e afastar-se do fazer artesanal.

Este projeto pedagógico deu certo e Em 1664, em Paris, é criada a *Académie de Peintre et de Sculpture* que tenta romper com o modelo de ensino anterior dirigido por um mestre. Nela, a associação livre, dava a cada um dos participantes iguais direitos e não se submetiam a um mestre em especial, como era o caso das academias tradicionais. Com a ascensão de Napoleão ao poder, esta academia passa a ser uma escola de Arte oficial estatal, muda suas diretrizes e o nome para *Academie Royale des Beux-Arts*, depois, *École de Beux-Arts de Paris*. Este é o modelo que chega até nós, não sem atingir outros países da Europa, Américas e Ásia.

Dessa escola francesa é que vêm os professores da Missão Artística Francesa, trazida em 1816 por D. João VI, cujo trabalho culmina na criação da Academia Imperial de Belas-Artes, em 1826, no Rio de Janeiro, depois chamada de Escola Nacional de Belas-Artes a partir da proclamação da república. Essa escola foi a matriz das demais escolas de Belas Artes que surgiram por todo o país propagando aquele modelo de ensino. Hoje, o prédio daquela escola no Rio de Janeiro, capa desta edição, abriga o Museu Nacional de Belas Artes.

A partir do final do século XIX, com o advento da Modernidade, as propostas investigativas inauguradas pelos Modernistas mudaram o perfil estético da arte na contemporaneidade rompendo com o modelo da tradição clássica, assim o conceito de Belas Artes vai se arrefecendo.

Bem, espero ter explicado a razão de ainda hoje ouvirmos falar em Belas Artes. É um conceito que estruturou uma boa parte das escolas de Arte no mundo todo, considerando esta tentativa de criar uma “universalidade” ou hegemonia no pensar e fazer Arte que a Modernidade confrontou.



Esta fotografia do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, antiga Escola imperial de Belas Artes, depois Escola Nacional de Belas Artes, mostra as diversas reproduções em gesso da estatuária greco-romana usadas como modelo para aprendizagem no projeto pedagógico acadêmico de inspiração Neoclássica.

Apenas para não deixar em “branco” a ideia ou categoria de Belo no contexto filosófico, pode-se citar dois filósofos que debateram esta questão e, cada um a defendia de acordo com suas convicções: Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).

Ambos viveram entre os séculos XVIII e XIX, nesse tempo a concepção de Arte Visual era atrelada aos conceitos tradicionais e acadêmicos, considerando que a fundação das Escolas de Belas Artes ocorreu na França em 1664 e, a partir daí sua difusão como projeto de ensino, logo, só vivenciaram este modelo.

Basta reforçar ainda que as escolas de tradição clássica como o Neoclassicismo (em parte, fruto das Belas Artes) o Romantismo, seu desdobramento mais consciente quanto ao nacionalismo, naturalismo e outras tendências mais subjetivas e mesmo o Realismo como uma proposição mais social e política por parte dos artistas, não são avaliadas conceitual ou tecnicamente pelos filósofos já que não lhes cabia esta função, são orientados pela representação mimética atrelada a um tema, assunto ou história. Viram o Neoclássico e o Romantismo que surgiu entre o século XVIII e XIX e lhes serviu de referência visual.

Os dois viveram boa parte de sua vida produtiva, no século XVIII, logo, só tiveram oportunidade de colher os frutos daquilo que se chamou Belas Artes, antes disso, se preocuparam em encontrar parâmetros que justificassem o gosto que tinham ou observavam no seu entorno, que não era a população em geral, mas um seguimento restrito da elite pensante de seu tempo. Tanto é que Kant considera que Belo é tudo aquilo que agrada a todos. O que não explica é a que “todos” ele se refere, se é ao ser humano em geral ou só àqueles agraciados com a educação, a posição social ou econômica de seus iguais...

Nesse caso o conceito de Belo equivale ao de gosto, portanto ao sensível e subjetivo. Hegel discorda, em parte, disso e considera que o Belo é o que o artista assim considera e define como tal vinculando à uma “evolução do espírito”, ou seja, só as pessoas mais preparadas espiritualmente (intelectualmente?) tem a capacidade de perceber o Belo. No entanto, todas aquelas que não pertencem a esta categoria de seres humanos não o percebem? Defende que o Belo da natureza é inferior ao da Arte e assim recorre aos antigos gregos, o que faz desta concepção anacrônica e tão elitista quanto a de Kant.

## E como surgiu o conceito de **Artes Plásticas**?

Vamos começar pelo termo *Plástico*. Ele também teve origem na antiga Grécia. Vem de *Plastikós*, cujo sentido se refere à característica da argila que, ao ser modelada, aceita as transformações impostas a ela, é um material dócil e manipulável, portanto, atende aos procedimentos, interesses e à imaginação do artista. Neste sentido é um termo adequado para se referir a um contexto criativo no qual a criação não se baseia mais num modelo ou padrão, mas às proposições artísticas adotadas por cada um dos autores no seu processo criativo.

Assim, ao invés de Belas Artes o Modernismo possibilitou o surgimento de um termo mais condizente com as experimentações e pesquisas conceituais e estéticas, o de Artes Plásticas.

Portanto o termo Plástico se refere a tudo que atende e responde à manipulação, surge da ação exercida sobre materiais, processos ou técnicas que obedecem, atendem e respondem à manipulação do autor de acordo com interesses estéticos e expressivos assumindo formas e sentidos convencionais ou não.

Logo, todos os procedimentos que envolviam técnicas, processos e materiais capazes de se tornarem *substâncias expressivas* e assumirem formas e relações impostas ou propostas pelo artista são chamados de plásticos.

Assim o conceito de Artes Plásticas acaba entrando na história da Arte e no contexto da criação artística sem qualquer restrição.

Além disso e o mais importante é que incorpora e absorve, em parte, o antigo conceito de Belas Artes. Atuando como uma espécie de “atualização” de terminologia conceitual...

Podemos compreender sob o conceito de Artes Plásticas uma mudança de concepção estética que opera a partir de modos de expressão que tem como base de trabalho a superfície (ambiente bidimensional) e o volume (ambiente tridimensional), sendo que na superfície podemos falar em expressão gráfica incluindo o desenho, gravura e de expressão pictórica, a pintura; quanto ao volume, podemos falar das poéticas que operam no espaço circundante por meio dos volumes, como a modelagem a escultura, construções, montagens ou *assemblages*. De certo modo os procedimentos não mudaram tanto, mas a nomenclatura sim.



Usando ainda exemplos de esculturas, a da esquerda é de Antonio Canova, escultor neoclássico, escola que segue os padrões tradicionais formais e temáticos clássicos greco-romanos e “belartísticos”. A do centro é de Edgar Degas, artista francês da escola moderna que recusa os padrões “belartísticos” e a da direita de Medardo Rosso, artista italiano considerado um dos únicos representantes do Impressionismo, já que o Impressionismo se desenvolveu principalmente na poética pictórica e não escultórica. É interessante notar que todos são figurativos, mas enquanto o Neoclássico prima pelo acabamento e pela sugestão do naturalismo, os demais primam pelas qualidades plásticas, pela modelagem, textura em busca da expressão mais autônoma e livre.

Entender o que é Plástico, é compreender que o exercício pragmático da criação depende também do domínio de habilidades motoras para o manuseio de certos instrumentos e ferramentas na relação com os materiais e suportes como também ocorria no contexto das Belas Artes, no entanto, o que modifica é a questão da investigação e da experimentação de novas possibilidades técnicas, materiais, plásticas e conceituais em substituição às representações alegóricas, míticas e interpretativas vinculadas à mímese.

Não foram abolidas as necessidades de domínio técnico ou psicomotor, mas ampliou-se a necessidade cognitiva: mais conceito e menos técnica. Nos trabalhos em superfície, por exemplo, no desenho, pode-se dominar o uso de instrumentos como o carvão, lápis ou caneta, na pintura, pode-se também dominar o uso dos pincéis e das tintas; na gravura dos instrumentos de corte e incisão para gravar matrizes em madeira (xilogravura), no metal (gravura em metal) ou na pedra (litogravura), além da necessidade de conhecer os meios de impressão. Isto não mudou o que se fazia desde sempre. As modalidades de expressão não mudaram com a nova nomenclatura, mas expandiram.

O advento da Modernidade, instaura procedimentos que passam a ser entendidos num novo contexto: o da Pesquisa em Arte. Assim a Arte se consolida também como um campo de conhecimento e busca a autonomia criativa e não apenas uma prestação de serviço especializado na reprodução, ornamentação, decoração e produção de bens vinculados ao gosto dominante. A grande conquista da Modernidade foi libertar a Arte de um padrão de gosto. Contudo isto não trouxe apenas benefícios mas também a necessidade de criar novas estratégias no Sistema de Arte para sobreviver às novas condições.

Até o século XIX, principalmente até o Neoclássico, a concepção artística era centrada nas habilidades motoras e cognitivas dos artistas que provavam sua eficiência plástica por meio da imitação do mundo natural. Suas habilidades eram comparadas ao que se via no entorno e, valoradas por este motivo. Além disso eram também valorados pela capacidade de reinterpretar os mitos, as alegorias, a tradição cultural e histórica do passado, poucas vezes, olhavam para o entorno e para as transformações em curso no mundo social ou das imagens.

No entanto, as transformações continuaram a ocorrer. No século XIX, surgem novos processos de lidar com as imagens, principalmente os meios de reproduzi-las. Vários inventores buscam processos de reprodução de imagens mais fáceis, rápidos e eficientes do que os usados pelos gravadores. As gravuras em pedra e metal eram os meios mais eficientes para reproduzir imagens e altamente demandados pela aumento crescente da indústria gráfica e pela imprensa em desenvolvimento. Assim, as tentativas de reproduzir imagens faz surgir uma inovação: a Fotografia.

Produzir imagens por meio da luz, sem intervenção da mão, foi uma grande conquista e isto, ao ser reconhecido pelo sistema social, mudou a nomenclatura para Artes Visuais.

Vale lembrar que originalmente a fotografia não era eficiente como as gravuras e pinturas realizadas com extrema habilidade pelos artistas, era uma espécie de cópia precária das imagens, embora fosse uma alternativa interessante para a reprodução e replicação de imagens, ainda não tinha qualidade técnica para superar os artistas.



À esquerda, um Daguerreótipo produzido em 1837, mostra a dificuldade que a imagem apresenta em demonstrar os materiais, texturas e qualidades do mundo visível. É uma imagem precária e por isto foi renegada e desconsiderada dentro do campo da Arte. À direita, uma montagem fotografia realizada na tentativa de ser aceita como um ramo das Belas Artes, adota a estratégia de trabalhar com temáticas descritivas, alegóricas típicas da pintura tradicional e cria o que passa a ser conhecido como Fotopictorialismo ou Fotografia Pictórica, tendência da qual faz parte Oscar Gustav Rejlander em sua obra: *The Two Ways of Life*, de 1857, cria uma alegoria, construída a partir de uma fotomontagem onde apresenta uma temática moral típica da época: o confronto entre o bem e o mal.

Quando a Fotografia surge o campo da Arte é colocado em xeque: se um aparelho é capaz de produzir imagens sem o auxílio da mão humana, seria o fim da pintura, do desenho, da gravura? Um aparelho fotográfico seria capaz de substituir o artista e fazer Arte?

Várias questões surgiram, ora colocando em dúvida a qualidade e competência da fotografia, ora admitindo que era uma revolução na captação e produção de imagens. No entanto há que se admitir que é o surgimento de novas estratégias produtivas e estéticas que fazem com que os procedimentos tradicionais comecem a ser confrontados.

A fotografia, embora tenha alguma semelhança com o desenho, a gravura ou pintura, não é nenhuma delas. A fotografia é produto de um aparelho ótico cuja imagem é captada por meio da luz e registrada num suporte químico ou arquivo digital, depois processada quimicamente ou por meio de programas de edição, passando a existir virtualmente ou num suporte plano como num negativo, num diapositivo, numa cópia ou numa projeção. Hoje em dia a fotografia é um recurso de tomada, apropriação e criação de imagens mantendo ou não os procedimentos óticos originais.

Aos poucos a tecnologia investida na produção de imagens por meio da luz, acaba vencendo e, no final do século XIX, a fotografia já é considerada um recurso importante, tanto para a reprodução, quanto para produção de imagens, daí em diante só fez evoluir. Imagens tomadas e reproduzidas em sequência possibilitaram o surgimento do Cinema e, no século XX, do vídeo e depois dos novos meios e sistemas digitais de captação, tratamento, reprodução e distribuição de imagens e na atualidade deram origem ao audiovisual.

Nesse caso, não cabia mais chamar de Plásticas a estas imagens e a estes novos procedimentos. Tal nomenclatura não parece atender aos novos tempos, tampouco conceituar ou explicar o que e como se faz para obter e tratar imagens.

Então, como chamar às novas estratégias de obtenção e criação de imagens por aparelhos que não dependem mais da ação direta da mão humana sobre a matéria e não utiliza mais instrumentos ou ferramentas?

Assim *Artes Visuais*, se consolida como uma nova nomenclatura para se referir ao contexto da visualidade.

A fotografia, como resultante de um aparelho ótico, não apresenta qualquer marca ou gesto que a ligue ao autor como um estilo, por exemplo, ela parece ser impessoal. A aparência e as marcas que surgem na superfície fotográfica não são da mão de quem as toma, mas decorrentes das lentes e dos procedimentos e processamentos aos quais está sujeita, portanto o conceito de Artes Plásticas não dava mais conta deste tipo de imagem e, como ela é resultante de uma apropriação luminosa, ótica cria uma nova visualidade daquilo que está diante dela, teria como referência aproximar-se ou se afastar da visualidade do mundo natura, independente disto, é um campo de expressão próprio.

Portanto, a nomenclatura de Arte Visual é usada para acomodar as novas tecnologias oriundas de aparelhos e procedimentos óticos como a fotografia, cinema, vídeo e audiovisual, nada melhor do que chamar as manifestações artísticas deste campo como Artes Visuais.

Embora eu ainda prefira Arte Visual, considerando as justificativas que apontei no início, a contragosto aceito o senso comum que teima em chamar de Artes Visuais, já que isto não gera conflitos ou problemas para o processo criativo e conceitual da Arte como um todo.

A ideia de Arte Visual se expande e passa a incorporar diferentes poéticas, tanto aquelas que pertenciam ao contexto das Artes Plásticas, quanto as novas tendências oriundas dos aparelhos como os fotográficos, os cinematográficos e suas decorrências eletroeletrônicas como o vídeo e os sistemas Audiovisuais digitais de produção de imagens fixas ou em movimento, além disso, abrange também os procedimentos que adotam instalações, interações, intervenções, performances e os meios tecnológicos digitais de captação, tratamento e distribuição de imagens.

O conceito de Arte Visual acaba sendo um conceito "guarda-chuva", genérico, abarcando diferentes poéticas e novas proposições no contexto contemporâneo, embora a visualidade seja apenas um de seus elementos, as relações com a luminosidade, espacialidade e temporalidade passam a integrar, associadas ou separadas, as obras contemporâneas, criando também novas visualidades.

Assim a presença da visualidade no contexto da nomenclatura em Arte foi adotada mesmo que nem só de visualidade mimética ela viva na contemporaneidade.

Paralelamente, ocorreu um outro fenômeno importante do século XX foi o desenvolvimento a Mídia de produção, distribuição e difusão de informação que usa e abusa das imagens, fixas ou em movimento, em vários suportes criando o universo da Comunicação de Massa com alto impacto social, o mundo da Visualidade começa a mostrar suas garras... Boa parte dos sistemas de comunicação de informações no mundo atual depende de imagens, com ou sem movimento, impressas ou virtuais designando até um campo de conhecimento chamado de Cultura Visual.

No contexto da Arte, portanto, o conceito de Artes Plásticas, desde meados do século XX, deixou de ser suficiente para conter as novas poéticas como também para explicá-las, assim o conceito de **Arte Visual** se torna uma referência para identificar estas manifestações. Embora a visualidade seja apenas uma das bases de acesso e apreciação, mas não é a única vertente de produção e proposições, mas como sempre, o “hábito faz o monge”, assim continuamos a usar esta nomenclatura na falta de uma melhor e chamando a tudo, genericamente, de Artes Visuais.

## ***Encerrando:***

Espero ter tido sucesso em clarear o entendimento das três nomenclaturas usadas ao longo do tempo no contexto da Arte Visual já que dizem, praticamente, a mesma coisa.

A principal questão é que o modo de fazer e entender Arte muda e, conseqüentemente, os modos de nomeá-la também.

Assim, em cada período, pode-se encontrar modos diferentes tanto no fazer quanto no pensar.

Contudo, defendo que a Arte é necessária ao ser humano na construção de sua índole e identidade.

Daí a importância da Educação e do Ensino para que não se perca um dos referenciais mais importantes da condição humana.

Nesses tempos de desumanização manifestada por líderes sem escrúpulos através de estratégias políticas, midiáticas e “*fake News*” é importante não perder o foco ou o respeito pela condição humana, pelos seres humanos e sua diversidade.

Parafraseando Lavoisier:

*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.*